

Já está em andamento a 2.ª fase da pesquisa sobre a história econômica de Jacareí através do Museu de Antropologia do Vale do Paraíba. Com título provisório a pesquisa vai abordar a questão da mão-de-obra. Com a saída da pesquisadora Elaine Rocha Pereira que está lecionando na Universidade Federal de Rondônia, os trabalhos passaram para as mãos de Domingos Sávio Campos Rosa, 25 anos, formado em História pela Unita em 85 e atualmente professor efetivo na EEPSP "Prof. Joaquim Rafael Filho", de Caçapava. Até julho a pesquisa deverá estar pronta, começando a 3.ª fase que vai abordar o processo de urbanização de Jacareí e suas conseqüências.

Toda essa atividade define a ação do MAP que tem ainda uma série de exposições sobre a cultura no Vale do Paraíba para cumprir em sua programação do 1.º semestre. Sávio diz que vai lutar contra "a falta de material de pesquisa crítica e científica e contra o ranço tradicionalista que geralmente permeiam os trabalhos sobre a história da região". E pensa, logo após, iniciar o seu mestrado de História na USP ou na Unicamp, de preferência.

Para caracterizar a origem e a evolução da mão-de-obra utilizada no município, ao longo dos últimos 150 anos, Sávio está se utilizando basicamente das antigas Atas da Câmara Municipal, dos Cartórios da imprensa, dos museus da região, da Delegacia de Polícia e até mesmo dos arquivos do Cemitério do Avareí, datados de 1875 até a presente data. "As dificuldades são mui-

tos e vão me acompanhar até o final da pesquisa", afirmou. Mas está contente com o enorme apoio dado pelo prefeito Thelmo de Almeida Cruz em relação ao MAVP", ao contrário do que geralmente ocorre em outros lugares".

O pesquisador Sávio quer saber primordialmente como vivia o operariado e para quem a industrialização foi e está sendo benéfica a partir da vinda de imigrantes europeus para Jacareí. As perguntas iniciais da pesquisa são muitas. Em busca de uma metologia própria ele quer analisar como se processou a industrialização no município a partir de uma tradição agrícola. "O material existente é bastante precário", afirmou.

Contudo vai envidar esforços para caracterizar, por exemplo se o operariado local tinha ideologia, se era combativo ideologicamente e estruturado em suas reivindicações. Ou será que os operários queriam mesmo se aburguesar? Nos arquivos da Delpol vai tentar achar registros que dão conta da existência de movimentação operária no início do século.

Resumindo, são questões nunca antes abordadas em pesquisa anteriores. Por isso mesmo podem causar surpresas. Os detalhes que encontrar, afirma, poderão, de qualquer maneira, serem úteis para um estudo mais aprimorado da história local. Sávio observa que foi a partir do dinheiro do café que se iniciou a industrialização da região. Isto está mais do que provado. Mas como isso se processou?

Ele disse que "o Vale do Paraíba hoje ou é pasto ou é in-

dústria" e quer saber como se deu esta passagem a partir da vinda de imigrantes nordestinos, sul-mineiros e outros que chegou mesmo a superar a própria imigração estrangeira. Reclama da falta de cultura própria existente no Vale do Paraíba. "Não há produção cultural numa região que é uma das mais ricas do País. A região está adotando vícios das metrópoles industriais. Por que isto acontece? São perguntas que tentará responder a partir de sua pesquisa. "O estudo da mão-de-obra levantará alguns pontos importantes em relação à industrialização da cidade", frisou.

— O que se percebe não é um processo de transformação cultural resultante dos contatos entre a cultura da cidade e a bagagem cultural trazida pela imigração. Ao contrário Jacareí perdeu a sua cultura própria e o imigrante deixou a sua para trás. E o que chamamos de desagregação cultural. Pode ser que a relação entre estes problemas e a discussão sobre a mão-de-obra em Jacareí não esteja suficientemente clara, mas ela existe.

Em sua pesquisa, Sávio "irá verificar e analisar a problemática da mão-de-obra que sustenta o desenvolvimento industrial da cidade", fazendo surgir na história, uma figura tão importante quanto o foram os chamados fundadores da cidade, as personalidades de uma burguesia então nascente e vinda do campo. Afinal o operário também tem a sua história e ela deve ser bem colocada para o entendimento das atuais gerações e das pessoas que aqui lançaram as suas raízes.